

A MECÂNICA DA SUPRESSÃO

Uma conferência de 19 de Março de 1962

E esta é a segunda conferência. Qual é a data?

Audiência: 19 Março, 12.

Dezanove de Março, 12. E a primeira conferência que não foi datada foi „O Mau Auditor”. Esta tem a ver com a mecânica da supressão.

Agora, há muito tempo que temos muitos Axiomas. Você pode ter ouvido falar deles. E na verdade eles contêm os dados básicos sobre os supressores. Os Axiomas, é claro, estão bem à frente de nós. Sempre estiveram. Tentar obter tecnologia para alcançar os Axiomas é uma das minhas mais duras tarefas.

Mas o supressor já está previsto nos Axiomas sob o título de not-is. É simplesmente not-isness, e o que é not-isness. Eu joguei muito tempo com not-isness de vários ângulos e você chega uma declaração simples lá nos Axiomas, de facto mais simples do que eu estou a fazer agora.

Trata-se de obter o isness de alguma coisa, obter o alter-isness de alguma coisa e obter o not-isness de alguma coisa. E um not-isness é, bastante peculiarmente, um isness suprimido, e só isso.

E redefinir not-isness como um isness suprimido será, o esforço para eliminar um isness em termos de energia. É um esforço para suprimir um isness. Está um elefante na escadaria da frente, e nós dizemos: „bem, os elefantes não pertencem à escadaria da frente, logo não há nenhum elefante na escadaria da frente”.

Agora, sempre que você acha que correr fora mentiras de um banco (tem inúmeras aplicações e há inúmeras maneiras de aplicar este Axioma particular) quando tira mentiras de um banco, você, é claro, está a correr alter-isnesses ou not-isnesses.

Agora, uma mentira poderia simplesmente dizer-se ser qualquer outra coisa, que é o brinquedo de uma criança que está na escadaria de frente, que é um elefante vivo, repare, nós poderíamos dizer: „bem, é um brinquedo. É um anúncio” estão a ver? „É alguma coisa de borracha, logo estão a anunciar alguma coisa”. Ou nós poderíamos dizer: „não existe”. E você tem de facto uma mentira a cobrir um alterar-isness e um not-isness.

Agora, alterar-isness é mudança. E situa-se entre um isness e uma supressão. E, por isso, nós somos aqui bem amarrados com tempo, porque tempo é basicamente, mas só mecanicamente, mudança. Tempo é mudança.

Agora, um ciclo de ação corre de uma não-existência, para uma existência, para uma não existência. Isso é um ciclo de ação. E se examinar a banda do tempo, você achará que um ciclo de ação vai de: não há nada ali, para, há uma criação ali, e então há mudanças na criação, e então há mudanças tipo deterioração, mas, não obstante, ainda são mudanças, e então nós obtemos finalmente outra vez uma não-existência. Logo nós corremos de não-existência para existência para não-existência. E isso é um ciclo de ação.

Todos eles são tipos de criação e assim por diante, como sabemos. Nós sabemos muito deste tipo de coisas. Mas vejamos como isto se aplica diretamente. O primeiro material que temos sobre isto é a Ciência da Certeza. O Processo Algo/Nada.

E o ciclo de ação nunca foi metido nisto. Nós apenas falamos de: „Pensa nalguma coisa. Não penses em nada. Pense nalguma coisa. Não penses em nada”. Já sabem, aquele tipo de alternância, para tirar o talvez. E isso foi posto sob o título de „anatomia do talvez”. Um talvez, uma incerteza, uma suposição ou, como a maior parte das pessoas o concebem incógnitas, uma incógnita. Não é realmente isso que a incógnita poderia ser, mas uma variação mecânica da incógnita. É simplesmente terra de ninguém entre a certeza de que alguma coisa é, e a certeza de que alguma coisa não é.

Logo nós temos estas duas coisas. A certeza de que alguma coisa é, e a certeza de que alguma coisa não é. E entre essas duas coisas, temos o **talvez**. Veja, nós temos „é”, e então temos „é... é? Uh... é. Uh... não é”. E obtemos o ciclo de ação.

Logo você pode aglomerar um ciclo de ação com talvez. E poderia dizer que a mudança é talvez. Trata-se de aproximações, não de coisas exatas, estão a ver?

Agora, na mente reativa, um ciclo de ação parece então um talvez, o meio de um ciclo de ação. De forma que toda a mudança é um talvez. E por isso, se qualquer coisa mudar, talvez não seja, estão a ver? E você obtém todos os tipos de coisas.

Se nós mudamos as técnicas em Cientologia, muitas pessoas não pensarão que a Cientologia existe. Estão a ver? Elas dizem: „bem, ele... o Ron está a mudar de ideias outra vez”.

Oh, Ron não muda de ideias sobre isto há muito tempo, estão a ver? Mas eles nunca olham para as certezas que nós temos. Eles olham para o meio, estão a ver? E nós obtemos alguma coisa muito peculiar. Nós obtemos um processo novo. E isto é um processo.

Agora, para mostrar como é difícil aproximar imediatamente isto semanticamente para que possa ser corrido por uma mente, chamarei a atenção do facto de o Processo Algo-Nada ser bastante limitado. Mas tem um algum valor. Poderiam fazer-se várias coisas com ele. E outros tipos de processos, todos eles sobre not-is e assim sucessivamente, não tinham praticamente qualquer utilidade. Havia muitos. Havia processos sobre mentiras, e de processar mentiras e coisas desse tipo, e o seu uso mudaram-nos para os fenómenos do Passo 6, Criatividade. Nós começamos a engrossar um banco e várias outras coisas ocorreram através de mentir, de processar mentiras.

Isso não teve muito êxito. Houve aqui muitos esforços. A única coisa que estou a tentar esboçar aqui é a longa história e os muitos esforços envolvidos.

Bem, muitas coisas convergem par o mesmo ponto, logo nós estivemos nas franjas destas coisas e muitas pessoas na banda total estiveram nas nossas franjas.

Mas o ponto aqui é que eu encontrei um processo que pode ser corrido, e que é um processo Classe I. A propósito, você é perfeitamente livre de correr este processo. Não me importo se o faz ou não. Ainda não é um processo exatamente talhado. Você tem provavelmente que pescar o seu fraseado. Mas de facto o processo é, simplesmente: „É, Não é. É, Não é”.

Depois do Pc fazer „é e não é, e é e não é” um pouco, ele mover-se-á na banda do tempo, mas, vulgarmente, dará uma aplicação direta deste processo ao caso dele. E entregar-lhe-á a automação crónica do caso dele, ou o problema de tempo presente crónico ou algo crónico do caso dele quase imediatamente. Isto é bastante peculiar.

O que você está a fazer, é claro, é correr o ciclo de ação nele. Você está a correr essas duas porções do ciclo de ação que são importantes para ele. E tendo-lhe você dito „é” seguido de „não é”, não lhe disse se seria para desvanecer ou Not-isar. E ele correrá isso sempre como um supressor.

Logo você está a correr supressores diretos. E a coisa que ele está a suprimir mais de perto e de imediato, é provável que fique à vista. O seu *standard escondido*, ou a coisa que imediatamente está errada com ele, é capaz de aparecer quase de imediato.

Agora, é claro, ele está a tentar decidir-se sobre algo que vem do facto de algum momento ter dito que *era* e não gostou, e então disse que *não era*. E isto deixou-o no talvez de se alguma vez *foi*, ou se *é*, se ou alguma vez *será*.

Veja, você jamais iria a lugar algum processando uma pessoa deste modo. „Talvez, talvez, talvez, talvez, talvez, talvez, talvez, talvez”. Repare, você não iria a lugar algum processando isto. „Obtém a ideia de talvez. Talvez, talvez, talvez, talvez, talvez, talvez”. Uma pessoa ficará enevoada, sairá, ficará anaten, coisas desse tipo. Basicamente, não há coisa tal como um talvez. Repare, há só a criação e as condições de criação. Porque mesmo quando um ciclo de ação foi corrido, fica lá parado como memória. A pessoa lembra-se que existiu.

Repare, ele casou e divorciou-se. Na verdade não tem outra vez uma não-existência. Ele tem a recordação de ter sido casado. E mais profundamente no banco, tem uma gravação de ter sido casado. Não importa quão fabulosamente distante no tempo, terá uma leve suspeita disso.

Por outras palavras... logo você não consegue, jamais consegue uma não-existência pura depois de qualquer existência, estão a ver? A única não-existência pura é a anterior à existência.

Logo você obtém uma afirmação positiva de is-ness seguida de uma afirmação positiva de não-ser, inevitavelmente você obterá recordações e cognições, e vários outros fenómenos mentais ocorrerão. E, por estranho que pareça, este processo fantasticamente simples “É, Não é. É, Não é. É, Não é. É, Não É, produzirá praticamente todo e qualquer fenómeno em Cientologia. Vem da existência e não-existência, que, é claro, vem de perceber e não querer perceber, o que, é claro, conduz a criação e destruição. E você está sempre a saltar faixas selváticas de mudança.

Logo você está a obter a certeza do que **é**, e a certeza do que **não é**, e a certeza do que **é**, e a certeza do que **não é**, e, de súbito você tem toda essa mudança a fervilhar e a fervilhar. Porque, é claro, mudança é simplesmente diferentes condições de uma existência que conduzem a uma não-existência, ou a uma nova condição de positividade.

A incerteza do caso salta fora. Agora, o tipo de mente aberta, o tipo que não sabe, o tipo que não está seguro, o tipo que só mói e nunca tem uma cognição, este tipo, que não consegue descobrir, o que não tem memória de toda a banda, o que jamais reconhece que talvez isso... “Bem, eu posso dizer que o faz, e posso dizer, sim, eu suponho que poderia assumir... uh-huh, talvez, uh, bem, sim...” e toda a conversação dele é assim. Já leram algum documento científico dos últimos vinte ou trinta anos, sabem?

„Se o universo existe...” Eles não querem ficar presos a quaisquer isnesses. Repare, eles não querem ser culpados de quaisquer isnesses.

„Eu estava na frente do e-metro, é claro. Eu estava sentando numa cadeira tipo Mark VI, com candeeiros pendurados. E as qualidades refletivas da tela eram X970 e eu uh-uh-uh, creio que percebi uh-uh... aparentemente, uh... à medida que a agulha reagia, uh, quer dizer, se a máquina estivesse ligada, o que teria que ser verificado pelo operador, uh, que, uh, se bem me lembro, uh, e se eu não for desmentido pela faculdade ou pelo meu superior imediato, havia 230 volts na rede nesse dia, penso eu”.

Isto é uma declaração direta, científica. É quase tão absoluta como a de um cientista hoje em dia, sem ser alvejado pelos irmãos.

A maior parte dos rapazes fica transtornada comigo no campo da ciência, porque eu direi que alguma coisa é, ou que alguma coisa não é. E eu não qualifico isso. Não digo: „bem, se a faculdade me permitir...”, ou algo assim, „...então eu poderia supor que talvez a cláusula adjetiva que modifica o parágrafo B., aquela frase adverbial que modifica verbo G., pudesse por fim mostrar que é uma suposição”, estão a ver? E devido ao facto que eu não falo daquela maneira, eles pensam que eu sou não-científico. Há que ser duvidoso para ser científico.

Bem, isso pendura de certeza estes sujeitos numa terrível confusão. Agora, mais engraçado é que você poderia ter aquele estado de espírito exato e mandar os rapazes dizer: „é e **não é**, e é e **não é**. Obtém o conceito do que é. Obtém o conceito do que **não é**”.

O tipo diz: „Obtém o conceito de *o que* foi? O quê?”

Você diz: „Bem, *isso* mesmo. Isso. Qualquer coisa. Isso. Isso. Isso”.

„Uh... não sei o que quer dizer com *isso*”, estão a ver?

Ele poderia ter uma real discussão sobre este outro. Seria muito risível porque, é claro, ele está a tentar obter a ideia do que é e incorre no talvez, repare, e ele não pode obter uma ideia limpa do que é, estão a ver? Nem pode obter uma ideia limpa do que **não é**.

Você teria de facto que o reabilitar para poder obter uma ideia limpa de que alguma coisa **era** e de que alguma coisa **não era**. Observe. Os rapazes encarregados das bombas atómicas e os materiais que respiramos neste exato momento, estão muito naquele estado de espírito.

Os que marcharam pela bomba H perderam a aposta, sabia? Eles perdem sempre a aposta. Se realmente quisessem eliminar a Bomba H, não se preocupariam com ela. Eles apenas insistem que todos os cientistas atómicos e políticos que tiveram qualquer coisa a ver com a Bomba H, produzem certificados de sanidade apropriada a serem... deverão ser examinados por psiquiatras, e assim sucessivamente. Eles poriam toda a gente maluca.

Mas o mais engraçado é que nenhum destes sujeitos poderia passar, estão a ver? Porque „pode estar certo deixar cair, talvez, repare, mas poderia não estar certo, mas isso nem está aqui nem está além. Isto não tem nada a ver connosco”. Para nivelar isso adicionam-lhe irresponsabilidade, estão a ver? Estão todos neste segundo plano. É a atitude de nenhuma-responsabilidade.

Logo você teria um mau bocado naquele tipo de caso. Está muito em baixo nas escala como caso. Você passaria um mau bocado para levar aquela pessoa a obter a ideia positiva de alguma coisa **ser** e de alguma coisa **não ser**. E eles não poderiam obter ideia tão limpa. Eles obteriam „Alguma coisa que **foi**, creio eu”, e „Alguma coisa que **não foi**, rrrrrr, talvez”.

Logo eles estão sempre à beira de ter de repente algo revelado. E isso assusta-os de morte. Eles fazem auditores muito maus. De facto não falarão em auditar ninguém. Preferem saltar para fora das botas científicas, e instantânea e imediatamente exibir-se com o Papa Pius que disse que ninguém deveria arremedar a mente humana. Penso que se trata de uma citação direta. „Ninguém deveria arremedar a mente humana”. „Você ou eu não desejaria que ninguém entrasse para a cave”. Penso que foi uma citação direta. Penso que foi. É uma bula papal. „E por isso, você não deverá querer que ninguém entre na sua mente”. Isso é certo. „Devido ao facto de termos contenções, não queremos ser invadidos”.

Agora, há sempre um estado de espírito sobre a ideia das revelações. Só as revelações deles, deixem-me chamar a vossa atenção, são revelações ilusórias. Números tremendos de anjos vão

cantar em cabeças de alfinetes, estão a ver? Você vai obter uma visão de algum santo Messias que segura a cabeça dele num pires ou algo assim, ali na sua frente.

Você vai receber uma palavra que vai descer de uma raio de luz através dos céus, repare, e de repente tudo será bom. Só que a seta vem por cima do ombro esquerdo. Você obtém uma superstição formidável. Você obtém todos os tipos de revelações religiosas.

Então obtém revelações científicas. Bem, é claro, a nossa revelação científica atual está tão fora de controlo que toma a forma de uma Bomba H. Agora, isso é uma revelação. *Buum!* E é claro, ninguém pode enfrentar tanta revelação, logo dizem: „bem, isso não existe”. Então as pessoas continuam a chamar a atenção da Bomba H, Bomba H, Bomba H, Bomba H, Bomba H, o H.

Ninguém pode olhar para esta Bomba H, estão a ver? O que eles conseguiram foi chamar a atenção do tipo que carrega no botão, o tipo que carrega no botão, o tipo que carrega no botão, o tipo que carrega no botão. *Ha-ha-ha-ha*. As pessoas olharão para ele.

E você diz: „bem, nós queremos ver uma investigação psiquiátrica a todos os tipos que carregarem no botão”.

Imediatamente, todo o público pode ficar muito interessado, estão a ver? Porque eles podem enfrentar o sujeito que vai carregar no botão, e podem enfrentar um botão, mas não podem enfrentar a bomba.

Logo você vê, os da Bomba H estão a tentar que público assimile demasiadas revelações. Logo, o que eles tinham a fazer era cortar as revelações. Mecanismo muito simples. Reduzir a revelação a sibilos, sibilos, estão a ver?

Agora, você faz isso com a Cientologia. Você diz: „bem, nós fazemos o Claro, nós fazemos isto e fazemos aquilo, e você fica saudável e todo aquele tipo de coisas. E é formidável e você fica mais inteligente”, e assim sucessivamente, e é mesmo muita revelação.

Agora, se você perguntasse ao tipo: „tens uma dor?”

O tipo diz: „bem, sim, de facto tenho uma dor lixada no pescoço, atrás do pescoço, atrás do pescoço”.

Bem, você diz: „bom, a Cientologia demoraria algum tempo para ajudar nisso”.

„Digamos que deve ser bem verdade”.

Depois poderia casar-lhe esta sensação estranha, estão a ver? Você poderia dizer: „bom, vou mostrar-lho. Vou mesmo mostrar-lho. Agora, obtém a ideia de que há lá uma dor. Ótimo. Obtém a ideia de que não há lá nenhuma dor. Ótimo. Obtém a ideia de que há lá uma dor. Ótimo. Obtém a ideia não há nenhuma dor... ,”

„Au!”

Você diria: „Cá está? Isto é Cientologia”.

O tipo diz: „você quase estoirou a minha cabeça tola! Isso é Cientologia?”

Bem, você pôde dizer... você poderia dizer: „bem, pode... a dor ainda lá está?”

„Não, de facto, não”.

„Pronto, lá está. Nenhuma dor? Cientologia”.

„Nenhuma dor, Cientologia. Havia lá uma dor lixada há um minuto atrás”.

Não obstante ele pode confrontá-la porque está ligeiramente em contacto. Já parou para pensar nisto?

Ele pode ter uma dor *terrível*. O estômago pode estar em *absoluta agonia*, mas tinha isto totalmente suprimido. Logo não sabe disso. Repare, ele fica todo partido, mas não descobre nada até você começar a correr um geral, „ou é ou não é”. E ele estava a funcionar nisto e a pensar as ideias. Eu examinaria isto: „seguiaste o comando de audição?” ou „perdeste algum comando de audição?” Eu faria isso com todos os seis ou oito comandos. Confira só o rudimento final. Faça cinco, seis comandos e „perdeste algum comando de audição?”

„Bem, sim, não apanhei aquele”. Eu mandava-lhe obter aquele e então dar-lho a si mais algumas vezes. Mande-o realmente fazer isso e ficará maravilhado. Algumas das dores mais fantásticas de que as pessoas não têm qualquer consciência surgirão de repente em partes disfuncionais do corpo.

„Disfunção indolor” é o que põe o médico maluco. Este médico não pode compreender. O que é uma „disfunção indolor”? Você vê, não há qualquer agonia conectada. Não há qualquer dor conectada. A pessoa só está fora da engrenagem. Você vê, ela deveria estar de costas direitas e dá a imagem de um saca-rolhas. Não dói.

Agora, você tenta fazer alguma coisa por este tipo e, é claro, não dói e nada acontece. Bem, porque é que nada acontece? Bem, ele apenas o suprime também a si.

E você quer ver um destes sujeitos contorcido como um saca-rolhas, e todo baralhado como num exercício de salvamento... você tenta fazer alguma coisa por aquela pessoa, ela deixa, não terá nenhuma cognição e nada acontecerá e isso partirá o seu coração. A única coisa que acontece é que ela apenas o supriu a si e o tratamento também.

Ah, mas você consegue que ela diga: „é, ha-ha, **não é**, ha, é, **não é**”. A mim não me importa como você consegue que ele diga **é** ou **não é**. Poderia provavelmente fazer isso com „Sente-a, está lá? Não a sintas agora. Não a sintas, sente qualquer outra coisa. Não a sintas. Certo. Agora, sente-a, sente-a. Bom. Agora, não a sintas”. Provavelmente alguma coisa “selvática” acontecerá.

Quer dizer, há várias maneiras de fazer isto. Aparece, não aparece. Aparece, não aparece. Você vê, é o „é, **não é**”. Há variações. Mas você, por estranho que pareça, não tem que sair para entrar nestas variações. A mente tenta sair para dúzias de variações no momento em que você começa a pensar nisso, porque entra nesta mudança obsessiva, estão a ver?

Se você fosse tentar correr isto em si próprio, garanto que dentro de cinco ou seis comandos você estaria a correr outro comando. Repare, eu apenas garanto isso, porque você estaria a correr realmente outro comando e nunca notaria uma mudança. Você apanhou alguma coisa mais quente. É como explicaria isso a si próprio? Como diabo é que você apanha alguma coisa mais quente se „é, **não é**” ligou a coisa mais quente? *Ha-ha-ha*. Você volta atrás para correr „é, **não é**, é, **não é**”. E a coisa mais quente em que entrou saltará fora.

É apenas o isness e o not-isness, realmente, o que você está a pedir para alguém correr. Você está a pedir-lhe que corra supressores diretamente.

Você diz: „está ali o objeto não-suprimido. Ótimo. *Ha*. Está ali o suprimido. *Ha-ha*. Ótimo”.

Você está a correr isto da mesma maneira, estão a ver? „Está ali o objeto acabado de criar, em beleza. Está bem. Agora, está ali o objeto desaparecido em beleza, mas ainda lá está. Obrigado”. Apanharam a ideia?

„Agora, está ali desoprimido por você. Está ali oprimido por você. Obrigado”. Isso é o que você consegue. E é claro, você consegue *aparições* contínuas, sucessivas. Porque consegue todas as aparições que o sujeito oprimiu.

E você põe-no a ele em movimento pela banda do tempo e, em ação, este ciclo de ação. Você começa a completar ciclos de ação. Não importa de que maneira os completa. Algumas pessoas completam-nos com: „é, não é”, estão a ver? E isso é um ciclo de ação. Mas outras completam-nos com: „não é, é”. Bastante estranho. Estão a ver como isto funciona?

Agora, só duas coisas podem acontecer: nada aparecer e alguma coisa aparecer. São as únicas duas coisas que podem acontecer a uma pessoa.

Repare, até a consequência de ter feito alguma coisa aparecer, é só aparecer outra coisa. Logo as duas condições de qualquer jogo são aparecer e não aparecer. E nós obtemos a anatomia dos jogos, que foi onde originalmente eu estudei esta coisa.

Eu estava a estudar jogos quando finalmente cheguei a esse nível. Nós não temos que saber muito de jogos. Nós... *Cientologia: os Fundamentos do Pensamento* diz quase tudo o que há sobre isso.

Mas você desce a um fundamento mais fundamental e chega a ao facto de que isto é um jogo. Alguma coisa é, alguma coisa não é. E há todos os tipos de ramificações de, „é”, estão a ver? Você não tem que dizer o que é, repare, mas pode dizer: „Introduz-lhe qualquer coisa do jogo”.

Pegue no jogador oposto. Certo. Ele está ou não está, estão a ver? Ele está atrás da sua baliza, ou na frente da sua baliza, ou está na frente da sua própria baliza, ou está na sua frente.

Você vê, isso é isness por localização, o que é uma via. Mas agora, peguemos no propósito global do jogo. E o propósito global do jogo é você ser os cachalotes e ele os tubarões. E „surgem os cachalotes e desaparecem tubarões”, estão a ver? Então o fim total do jogo é, „é cachalotes” que você quer, e „nenhum tubarão”. E ele quer „é tubarões, e nenhuns cachalotes”. E você obtém a sua discordância básica que lhe dá um jogo.

Agora, isto, „é, não é” é o que lê num E-metro. O entremeio é o que lê no e-metro. A quantidade de „ser” que a pessoa pode conceber comparada com quantidade de „não ser” que a pessoa pode conceber encontra discordância entre o „não ser” e o „ser”, o que lhe dá a leitura.

O que o e-metro lê são discordâncias, e esta é a discordância básica. A discordância básica. Você está com um presbiterano e ele diz que desceu um anjo naquela cadeira. E você diz que não há qualquer anjo na cadeira. E ele diz que há um anjo na cadeira e isso é uma discordância básica.

Bem, se você tivesse duas valências numa mente, um ateu e um presbiterano, digamos que são as duas valências do GPM (Massa de Problema de Objetivos), repare, há essas duas valências, você obtém um registo formidável quando atinge qualquer delas.

Bem, porque é que você obtém um registo formidável quando atinge um ateu? Bom, é por causa da pressão invisível do presbiterano. E porque é que obtém tão tremenda carga sempre que atinge presbiterano? Bem, é por causa do ateu invisível. Totalmente fascinante.

Você sabe que estoirará tanta carga fora obtendo o oppterm como o term. Se listar os terminais, se fizer uma lista dos terminais do Pc, (eles estão sempre a magoá-lo) e obter um certo movimento de TA, uma certa carga e um certo BD e assim sucessivamente, se determinar o seu oppterm imediatamente, obterá a mesma quantidade, sendo o oppterm exato.

Às vezes você obtém escalas gradientes de oppterms. Por outras palavras, você obtém oppterms associados que estão aqui a alguma distância e que chegam gradualmente, e finalmente

colide com o verdadeiro oppterm. Logo você pode pôr as mãos num lado da imagem, e então à distância no outro lado da imagem.

Mas por fim... se você estoirasse uma tremenda quantidade de carga fora de um caso avaliando o caso como ateu, finalmente, nalguma outra linha, nalgum outro tempo, talvez quando lhe imputar o oppterm, bem, você seja um ídolo. Mas, de alguma maneira, obteve outra coisa e finalmente acabou por descobrir a coisa, o pacote que estabeleceu esse GPM, repare, o problema versus o problema. Você encontrará de súbito este outro lado tremendamente *quente*, repare, o outro lado. Você sabe que quando eles atingiram este ateu simplesmente estoiram, *zoooooom*, estão a ver? Bem, você está a fazer... dez itens depois, e numa linha totalmente independente, você atingiu de súbito este presbiterano, estão a ver? E de repente vai *squoch! bum! catrapus!* E é a mesma quantidade de força e poder que havia no ateu, porque essas coisas tinham que ser iguais para estarem em equilíbrio. E toda a massa sai do equilíbrio quando você descarrega uma, mas não descarregará totalmente. Descarregando a outra, ambas se vão. Elas tendem a descarrilar quando descarrega uma, e às vezes não encontra o oppterm imediatamente porque é tipo escorregadio. Estou a dar exemplos da coisa.

Agora, porque é que essas duas valências são opostas de e captam tanta carga, uma contra a outra, no E-metro? Bem, é que uma está a dizer que certos princípios **são** e a outra está a dizer que certos princípios **não são**. E a segunda que eu mencionei está a dizer certos princípios **são** e a primeira que eu mencionei está a dizer que certos princípios **não são**. Logo elas estão em violenta discordância.

E você notará que o facto de ter o ateu contra o padre, ou algo assim, é o denominador comum de cada pacote de GPMs. Você tem a virgem e a rameira, a criança e a mãe, coisas que constituem problemas, uma coisa contra a outra. Eles se opõem de várias maneiras.

Logo você tem um santo contra o diabo, pessoa diabólica, estão a ver? Bem, é a discordância entre estas duas coisas. E um representa um certo isnesses e um certo not-isness e o outro um certo isnesses e um certo not-isness. Não é que um represente um “é” e o outro um „não é”. Mas praticamente tudo o que aquele concebe **ser**, o outro concebe **não ser**. E então isso é invertido. De forma que tudo o que o segundo concebe **ser**, o primeiro concebe **não ser**.

Logo você tem este *tremendo* número de itens. Todos estes isnesses são contrapostos por todos estes not-isnesses. E então nós temos todos estes isnesses opostos a estes not-isnesses. Logo tudo vai blah. E você atinge estes dois, obtém uma massa fortemente carregada e, é claro, não descarregará, e a pessoa obtém somáticos e tudo fica marado cada vez que a coisa é atingida no banco. E isso reestimula e tem comando total sobre a pessoa... e é violento. Bem, é simplesmente violento por causa de todas estas discordâncias.

Bom, como é que você pode encontrar isso no e-metro? Bem, só porque é está cheio de discordâncias e mais nada. E isso é o “é” e o „não é”.

O mais engraçado é que esta teoria poderia provavelmente ser posta em qualquer processo. Você poderá provavelmente... não digo que deva, mas pode provavelmente fazer prepcheck com isto, com este tipo de pergunta Zero: „já consideraste que outrem não existia?” Ou „já insististe que outrem não existia?” Use isto como pergunta Zero. Bem, seria algo bastante quente e longo, mas de certeza que funcionaria.

Não recomendo isto, pois correria, meramente. „Bem, já insististe em que alguma coisa **era**?“ Você obteria... você obteria um tremendo número de overts porque, é claro, todos os seus overts, ou consistem de afirmar que alguma coisa **era**, ou que alguma coisa não **era**. E só há realmente duas classes de overts.

Quando danifica alguma coisa, você está a tentar insistir que não é. E quando cria alguma coisa, você é está a tentar afirmar que é. E quando outrem está a tentar criar alguma coisa, você pode tentar ajudá-lo a criar, ou a tentar impedi-lo de criar.

E quando ele está a tentar Not-isar alguma coisa, ou você está a tentar ajudá-lo a Not-isar isso ou a tentar impedi-lo de Not-isar isso. E temo que estes estados de espírito sejam muito o preto e o branco, Aristóteles ao contrário.

Agora, Aristóteles disse que tudo era preto e branco, e a lógica não-Aristotélica é a lógica favorita da semântica e da ciência moderna. E é claro, ela insiste que é fantástico o número de sombras cinzentas. E que não há positivo nem negativo. Bom, isso parece um terrível GPM. Admito que haja muitas sombras. E admito muitas escalas gradientes e muitas coisas destas, mas dizer que o positivo não existe, em termos da realidade de alguém, vai uma grande distância. Uma grande distância.

Você pode dizer que *absolutos* não são obtiníveis. Isso é um facto. Isso é um facto. Isso, é claro, é falar de um infinito, um infinito, uma presença total ou uma ausência total de zero. Estas coisas são... mas não seriam sustentáveis. Mas dizer que meramente positivos, não absolutos mas positivos não podem existir, seria puro disparate. E eu temo que seja o disparate em que a ciência moderna funda os seus erros básicos.

Mas você começa a lidar com positivos... afinal de contas, você é positivo. Você está sentando numa cadeira neste preciso momento, não está? Bem, está. É um positivo bastante bom. Nós não dizemos que você é o absoluto. Mas você é certamente, estão a ver? E não está em casa, ou está? Neste preciso momento você não está em casa, ou está?

Voz de homem: Não.

Bem, é bastante positivo não é? Você não está em casa. Agora, na medida em que deixou alguma coisa em casa ou volta para casa, reduz o absoluto de *estar* (em casa) (homeness), e não de *ser* (youness), estão a ver? E na medida em que não fica aqui toda a noite não é um absoluto de *estar* (aqui) (hereness).

E depois o que obtém é que à medida que o tempo se arrasta, a positividade reduz-se. Quanto menos conceito uma pessoa tem de tempo, quanto menos conceito eles têm de tempo, menos positivas as coisas parecem. Apanharam a ideia?

Logo nós temos todos os nossos conceitos de tempo presente, *aqui* (hereness) e *agora* (nowness). Você já obteve *ter* (Havingness) e de súbito as paredes ficaram muito luminosas? Você sabe, quer dizer, uma experiência comum.

O que você na verdade fez não foi paredes mais sólidas ou mais luminosas, mas ficou mais consciente de *agora* (nowness) do momento. Isso foi de facto o que aconteceu. Você só tem que ficar muito consciente do *agora* (nowness) do momento, para obter muita is-ness. E o que é estranho é que você fica com muita not-isness.

Mas a sua not-isness vai de não not-isness para não-existência.

Agora, a pessoa está ali e *cercada* por estas massas. Há apenas *massas, massas, massas*. Você sabe, ele só obteve massas, ena, você sabe, apenas acabou em *blah...* e assim por diante. Embora seja bastante magro, ele tem que ter um camião o mover, sabem? E ele obteve massas, massas. É tudo not-isnesses. É tudo não-existências.

A primeira coisa que ele diria sobre tudo isso é que são não-existências. É... é o que... a primeira declaração dele relativa a isto é: „Eles não existem”.

Logo, repare, à medida que ele vem para tempo presente as paredes ficam mais luminosas, estas coisas desapareceriam, estão a ver? Mas quando você está a correr algumas pessoas em Havingness, a coisa vem de not-isness para não-existência numa banda de tal forma clara que, à medida que corre Havingness neles e as paredes ficam mais reais, o seu banco *materializa-se* e “aparecem” pessoas na sala, estão a ver?

O que você faz é escoar a not-isness percorrendo-o no isness da parede, estão a ver? A parede fica muito real para eles e a sua banda do tempo é estirada, repare, e estão mais aqui, neste momento particular de agora (nowness), e eles continuam a examinar o canto e você diz finalmente: „o que é que se passa com o canto?”

„Bem, é só que a minha Tia Ágata parece estar ali de pé, e eu sei que ela não está lá, mas é terrivelmente tridimensional”.

Mais alguns comandos... „Bem, como é que está a Tia Ágata?”

„Bom, foi-se. Bem, porque é que estás preocupado com a Tia Agatha? Eu não estava preocupado com isso”.

Por outras palavras, a not-isness que *empurrou* este mock-up da Tia Agatha para a invisibilidade libertou-se à medida que a realidade da parede aumentava. Você correu a invisibilidade do isness. Aqui você comprehende que uma pessoa possa de facto conceber estas... que estas folhas de papel não existem enquanto ao mesmo tempo olha diretamente para elas. Bem, há um mecanismo engracado no banco que o pode levar a ficar como que esmagado com energia, sabem? E ele faz o quadro de imagem mental desaparecer. Bem, você torna a parede real, e, é claro, esta not-isness corre fora, e o que é que o tipo observa? Ele vê esta imagem tridimensional, glup! Ele vê a Tia Ágata aparecer no meio da sala.

Às vezes, ao auditar alguém, se você for muito bem sucedido a correr algum processo, não importa que processo, Havingness, o banco, Prepcheck ou qualquer outra coisa, poderiam aparecer dois ou três corpos mortos na sala ao mesmo tempo, muito sólidos. Tão sólidos que ele estaria absolutamente certo que os poderia tocar e eles seriam sólidos. Mas se o tipo é bastante bem ajustado à existência e o auditor correr uma sessão suave e esse tipo de coisas, não lhe referirão muito este facto.

Ele diz: „certo”, ele sabe o que eles são. Eles... é uma manifestação do banco e eles partirão. E eles partem. E ele esquece isso.

O que você fez é que... eles sempre lá estiveram e ele tinha-os not-isados, de forma que nunca os viu. Mas meu Deus, ele tinha que ter cuidado na vida. Cada vez que se sentava numa sala teria que se certificar que este corpo, este corpo e aquele corpo estavam not-isados. Alguém diria: „bem, como estás, Zé?”

E ele diria: „estive a ler a papelada da bolsa de valores de hoje e vi algumas coisas muito interessantes”. As pessoas não notam que ele nunca respondeu como estava. *Ha-há!*. Ah malandro.

Você diz: „que tal um pouco audição, Zé?”

„Bem, eu não acho, eu... bem, de facto, nós não temos muito tempo, você sabe”.

Você está sujeito a ter a materialização do corpo morto número um, corpo morto número dois e corpo morto número três. E ele apenas não gosta de os ver. Quer dizer, depois de os ter morto, de ter sido responsável pelas mortes deles, você não gosta de ficar ali a olhar para eles. Algumas pessoas não gostam. Eles são peculiares.

Eu sei que eu me regozijei às vezes. Não como você, na banda, que agiu sempre socialmente sobre a coisa. Eu fui na verdade bastante grosseiro para ficar ali e dizer: „ha-ha”, mas não é coisa que se faça, sabem? Logo, tenho que conter isso (WH).

De facto, ele sabe, porque aprendeu que se se sentar num certo tipo de sala, esta coisa começa a soltar-se e ele começa a sentir-se como que estranho, logo tem de ficar muito interessado e muito ocupado e nunca pode sentar-se tranquilamente.

Uma mulher fez-me uma observação engraçada uma vez. Eu disse-lhe: „bem, acho que me vou sentar um pouco a descansar”.

E ela disse: „bem, e o que é que vai fazer?”

E eu disse: „Nada”.

„Oh, você vai ler, huh?”

„Não, não, não. Mesmo nada”.

„Você vai pensar nalguma coisa”.

„Não, não, não”.

„Porquê?”

De súbito ela ficou praticamente com a cabeça a andar à roda, sabem? A ideia de só se sentar e não fazer nada, e não pensar em nada, e não ter a mente ocupada provocou-lhe uma sensação de vertigem.

O que foi aquela sensação? Bem, você tinha que se manter distraído. Se não, alguma coisa apareceria.

Bem, a pergunta é: o que é que apareceria? O que aparecerá é de facto um quadro de imagem mental. E é só. E eles têm um medo de morte das imagens de imagem mentais, ou de alguma aparição.

Certo. O tipo que você audita e audita e audita e audita e continua sem parar e sem parar e audita e que nunca obtém qualquer imagem, *oooh*, você está a lidar com um clássico. Uma supressão total. Nada vai aparecer. O que é que se passa com ele? Bem, o que é que ele teme que possa aparecer? É uma pergunta simples.

Você faz uma lista de coisas: „quem ou o que é que terias medo de descobrir?” Você está a pedir a aparição disso, estão a ver? É só mandá-lo listar isso. *Ahhhhh!* Seria a coisa mais horrível que você poderia tentar fazer àquele pobre tipo. Arruiná-lo. Arruinar o caso dele. O que é estranho é que, à medida que entrasse nisto e fosse mais a fundo, e estabelecesse os opptermos dos terminais que encontrasse, e encontrasse outras linhas análogas e assim por diante, você obteria a aparição. O lugar fica assombrado de vez em quando, você sabe, os corpos mortos começam a aparecer. É isso mesmo. Ele é espremeu-os lindamente. E às vezes eles sangram verde e isso é muito surpreendente.

Agora, às vezes alguém que estava debilitado tirou de repente a atenção fora de uma destas coisas e ela materializou-se. *Auggggggg!* Bem o sacrificou, mesmo. De facto, o susto praticamente o desorientou.

Ele dirá que estava tapado. Eu conheço um caso que se sentou... bem, este caso foi absolutamente despedaçado... sentou-se num consultório de dentista, acho eu, ou num consultório

médico e, de súbito, esta fantástica, terrível, série de cones vertiginosos viraram-se contra o corpo.

O caso fiou louco varrido. Foi para a casa e nunca saiu até o próximo ano até ser finalmente auditado num engrama, nos velhos tempos da Dianética. Agora, isso não é um... é só um caso, estão a ver?

Por momentos o caso, peculiarmente, apenas não fez not-is desta massa particular e entrou em ação. O caso mudou duma certa maneira e esta coisa materializou-se, estão a ver?

Bem, ele sempre lá esteve, salvo que eles lhe tiraram o not-is e foi zzzzzzt, e então pararam -no com uma supressão nova.

E eles disseram-lhes que alguma coisa lhes terá acontecido a eles. Sim, é verdade. Alguma coisa lhes terá acontecido a eles. Eles tinham parado de Not-isar por momentos. Bem desesperante. Logo, este caso, sendo auditado, é claro que depois iria ser, Not-isa a coisa muito cuidadosamente, e então responde à pergunta de audição. Not-isa e então responde à pergunta de audição. Só que não o faria conscientemente, de forma que isso nunca se esgota. Bem, o caso jamais iria realmente fazer algum progresso, em absoluto. *Ha-ha-ha-ha*. O caso sabia que era melhor não o deixarem mudar de ideias.

De facto, agora ocorrem alguns fenómenos bem horrorosos. Há várias sensações, e movimentos, e enjojo e terror do estômago, as nucas a caírem e narizes a desaparecerem, e, de súbito, o Pc olha para baixo e não consegue ver-se das coxas para baixo, já se sabe, tudo desaparece. Você fica transtornado.

Bem, a coisa a fazer é continuar, e não deixar o Pc ser parado ou transtornado por tal coisa, porque você só está a ir contra um tipo de manifestação “é” e „não é“. E se puder obter um „é“, obterá certamente mais cedo ou mais tarde um „não é“. E isto transtornava de vez em quando os auditores nos velhos tempos, quando estávamos a correr Não-Saber... não saber de cabeças e funções (hats) das pessoas, e assim sucessivamente e „o que é poderias não-saber sobre isto aqui?“ E os auditores ficavam de vez em quando furiosos com isto. Dificilmente você poria alguém a correr isto com limpeza, porque o Pc diria: „Bem, sim, eu fiz isso“.

E o auditor diria, por estranho que pareça e erradamente: „Bem, fizeste o quê?“

„Bem, eu não-sabia da cabeça dele, está certo. Ele ia pela rua abaixo sem cabeça“.

E o auditor ficaria tão curioso neste momento... este era o pior problema deste processo, por isso já não o usamos, o auditor ficaria tão curioso que pararia e questionaria o Pc sobre o que aconteceu e como aconteceu e tudo mais, e então entraria em círculos e não terminaria o processo e deixaria tudo para trás. Bem, é claro, isto seria terrivelmente reestimulativo quanto a este botão „não descobrir“, não seria? Você ia diretamente contra o not-is e o auditor estava de súbito a correr um processo... ele não reparou que o perigo era tanto, mas estava a correr um processo que ligaria e desligaria not-isness. *Ooooooooooh, oooh*. Talvez tudo isso fosse parar a outro lado, estão a ver?

Muitas pessoas não têm uma banda do tempo. Elas têm uma série de not-isnesses. Muitas pessoas não têm tempo presente em absoluto. Elas apenas têm uma generalidade de confortável not-is. São as pessoas tranquilas, sabem? Calmas como uma granada.

De qualquer maneira, as manifestações que você vê como resultado desta atividade particular de not-is provocam um isness. Porque quando o not-isness desaparece, o isness materializa-se. E é claro, pode ser garantido assustar às vezes Pcs ao ponto de lhes secar a boca.

E depois de lhe acontecer uma vez, depois disso, ele têm certeza que nada acontece ao seu caso. „Oh, não me vai acontecer outra vez. Não. Quero impedir que aconteça outra vez”, o que é uma não-duplicação e nada acontece. Estão a ver isto?

Apareceu uma isness porque uma not-isness correu fora. Então você obtém uma manifestação. Você obtém imagens. De facto, aparecerão objetos sólidos ao Pc numa sala. Todos os tipos de coisas selváticas ocorrerão.

Eu sei o que isto é porque uma vez estava a correr... a ser corrido através de alguma coisa e colidi com qualquer coisa. E colidi com uma batalha europeia onde colunas de soldados, e a relva e os soldados e tudo, e as armas e o fumo e todas as percepções lá estavam muito mais do que o tempo presente. Eles estavam todos alinhados a disparar uns contra os outros em salvias, sabem? Foi uma grande surpresa, sabem? Uma grande surpresa.

Não durou muito. Quase nem tive tempo de me baixar perante o... Mas foi no mínimo surpreendente. Agora, surge muito mais luminoso do que esta sala neste momento.

Enfrentando e trocando salvias com outra companhia, em formações frontais. Que grande overt. Aproximadamente vinte passos entre as fileiras. Uma carnificina.

Bem, há ali muita isness, porque, repare, disparar uma arma é uma insistência na entidade, estão a ver? Alguém vem e diz: „tu não és tanto assim”.

E você incha logo como uma rã. *Puuuuuf*. Estão a ver? „Eu sou”, estão a ver? „Aqui estou eu. Eu sou. Eu sou grande. Eu sou muito importante. Eu não sou esta coisa que estás a tentar Not-isar”. Estão a ver? Apanharam a ideia? „*Uuuuu*”. Estão a ver?

A menina põe imediatamente mais batom. Os homens incham ou disparam armas de fogo. Tudo depende da civilização em que viver. As meninas adotam ancas e mamas postiças. Não se sabe o que elas farão em termos de manifestação. Mas isso representa uma isness, repare!

Outrem vem e diz: „Elas não são boas”, repare. „Elas não deveriam fazer isso”. „A pintura é má. Os vestidos são maus”. Estas coisas. „Toda a gente deveria ser natural”. Todos os tipos de campanhas.

„Oh, meu caro, que bonito chapéu. Gostei dele já desde o ano passado”.

Vários tipos e graus de isness e not-isness, sabem?

Bem, é claro, onde uma pessoa no banco tem afirmado isness e outrem not-isness, ou outrem tem afirmado isness e ela not-isness, você obtém... há vários fenómenos de banco. E eles ligam e desligam, e mal se sabe o que está a acontecer.

Mas é onde eles estão presos com que os pcs se preocupam. Logo, se ele entra nestas coisas, tem medo de descobrir. As coisas materializar-se-ão, estão a ver? Alguma coisa está sujeita a materializar-se. Alguma coisa está sujeita a aparecer. Deus sabe o que acontecerá. Alguém a falar do banco dele, logo, quem sabe o que vai aparecer. Ele fica chocado com coisas a aparecer. É a única coisa errada com este mau auditor.

Ele fica desconfiado quanto a coisas aparecem. O Pc pode materializar alguma coisa. Ele está sujeito a ser reestimulado. Não se sabe o que poderia acontecer.

Bem, há que ultrapassar-lhe o medo deste tipo de coisas. Como digo, você pode ultrapassar-lhe isso educativamente. Pode fazê-lo diretamente com um processo. Antes só tínhamos a educação para o fazer ultrapassá-lo. Agora temos um processo direto para isso. Você pode superar a not-isness de uma pessoa de várias maneiras.

„É. Não é. É. Não é”. Isso é tipo longo.

3D Criss Cross, e vários tipos de not-isness em perguntas de Prepcheck. E mais importante que estas outras manifestações no momento é... você pode prosseguir e fazê-lo e eu vou dar-lhes um boletim sobre isso. E se não funcionar, bem, está bem. Mas eu sei que funciona porque o testei e provei um pouco mais... e isso é uma mudança no Sistema de Contenção que lhe dá esta mesma manifestação. Agora, o Sistema de Contenção vai **O Que, Quando, Tudo e Quem**. Não é verdade?

Vozes da audiência: Mm-hm.

E o Sistema de Contenção é só isso.

Certo. Agora, animemos o Sistema de Contenção e deixemo-lo tomar conta dos supressores. E eu penso que você vai encontrar, embora não o garanta, pois não testei isto como deveria, penso que você achará e que estará em solo seguro, que correrá um engrama se fizer isto. De forma que se você colidir com um engrama pode fazer prepcheck, e ... E essa é a razão primária porque não deveria ir a toda a banda com a coisa. Poderia não correr um engrama, estão a ver? Penso que com este elemento aditivo... acho que verá que correrá um engrama, é uma boa conjectura. É uma especial conjectura minha: adicionar o **Aparecer** antes do **Quem** (no sistema de Contenção)

Você tem a pergunta Zero. Tem a pergunta **O Que?**. Eu tenho trabalhado nisto para tentar tornar o Prepcheck um pouco mais fácil. E eu tenho algumas outras mudanças do Prepcheck que lhes darei depois, mas você pode usar esta aqui imediatamente. Agora, trata-se de como obter o assunto da sua pergunta Zero, para que não influencie o que eu vos estou a dizer agora.

E você diz o **Quando**, da mesma maneira, o **Tudo**, da mesma maneira, o **Aparecer** e o **Quem**. Agora, como é que diz o Aparecer? „Bem, o que é que se poderia revelar naquele ponto?” Ou „o que é que poderia ter aparecido naquele ponto?” Ou „alguma coisa deveria ter aparecido?” Ou „alguma coisa não se mostrou?”

Você vê, qualquer variação neste assunto de aparecer. „O que é que poderia ter sido revelado naquele momento?” E corre isso mesmo antes do **Quem**? e do **O Que**?

Você diz: „Bem, o que é que poderia ter aparecido?”

E o pc diz: „Bem, ha-ha, a polícia”.

„Bem quem é que não soube disto?”

„Bem, a polícia, é claro”.

Sim, aqui vamos nós. E você tirou o supressor da polícia. Estão a ver? Logo isto está só a remover supressores. Só um pequeno mecanismo para remover um supressor de uma contenção, o que deverá tornar a contenção muito mais rapidamente limpável.

Estou contudo a apontar na direção de usar o... este sistema de pergunta de percurso de um engrama. Não esperava que corresse engramas. Esperava que corresse só elos de contenções. Mas penso que “engordado” àquele nível, há a possibilidade de correr engramas diretamente. Não é que você o use diretamente num engrama, mas se o Pc entrar num, corrê-lo-á.

„O que é que poderia ter aparecido?” Estão a ver?

„Alguma coisa deveria ter aparecido?” Qualquer coisa que faça sentido e use a palavra „revelar” ou „aparecer”, (ponto de interrogação). Você tira o talvez fora da coisa. E só corre isso. É certo. Você pode prosseguir e cometer alguns erros a primeira vez, acostuma-se a Quando, Tudo, Quem. Bem, é: **Quando, Tudo, Aparece, Quem**.

„É tudo? Bem, o que é que deveria ter aparecido? Certo, e quem deveria ter descoberto isso e não o fez?” E penso que isto tirará os supressores.

Bem, agora há a clientela e a consistência da mente em matéria de auditar. Falei disso a primeira vez na outra conferência sobre *inibições do auditor*. Isto aqui foi mais na base do que acontece com o Pc.

E se o Pc tem alguma coisa a materializar-se, e então desaparece misteriosamente e ele fica ali confortavelmente para todo o sempre, hã-hã. Eu penso que você deve ter falhado. Veem como seria?

O Pc diz: „Uma dor terrível no... está bem. Prossiga com a próxima pergunta de audição. Está tudo bem comigo”.

Ele apenas lhe supriu as luzes vivas. Bem, e como é que vai dar a volta a isso? Não o faça. Porque se você está a correr supressores, o resto correrá fora. Não exija qualquer manejo particular ou especial se estiver a correr uma aparição.

Logo, a supressão que frequentemente obteve, já sabe, ao correr antigas sessões você notou que... ao percorrer algumas antigas sessões, a pessoa reprimiu vidas passadas, ou reprimiu isto ou reprimiu aquilo e assim sucessivamente? Bem, agora ao correr contenções, você provavelmente puxará esses supressores e a coisa aparece.

Agora, há possivelmente outras maneiras de manejar supressores. Indubitavelmente que há. Há maneiras possivelmente mais limpas de manejar isto e assim sucessivamente, e elas serão desenvolvidas à medida que se revelam. Eu considero pessoalmente, no momento presente, que as maneiras que eu lhes dei são completamente adequadas aos vossos propósitos.

Tudo o que eu preciso dar agora para suavizar completamente o seu Prepcheck é um método de achar as perguntas Zero, e assim sucessivamente, precisa e instantaneamente, neste Pc particular, e eu também tenho que trabalhar isso. Mas é tarde e falarei disso na próxima vez.

Obrigado.